

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º*	Semest 18 n.º*	Trim. 9 n.º*	N.º à entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 600	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal franco de porte, m. forte	3\$800	1\$900	690	5120	25 DE AGOSTO DE 1895	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE sem o que não serão attendidos.— Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

E, quando não ha mais que fazer, porque não se ha de ir ver a bella Fatima?

Não sabem? Na feira de Belem, quasi ao fim da feira; uma barraquinha pequena. O que ha de mais barato, um vintem.

Ha um homem á porta encarregado de nos chamar, de nos dizer o que ella é, onde nasceu, d'onde veio, quando parte, o que faz a bella Fatima. Nasceu no Oriente, veio do Oriente, parte para o Oriente, é uma belleza oriental!

— É aproveitar, senhores, é aproveitar? Quem quer ver a bella Fatima? Um vintem a bella Fatima! Vamos, senhores vamos! Um ovo por um real! É entrar, entrar! A bella Fatima parte amanhã para sua terra!

A terra da bella Fatima!

— Qual é a terra da bella Fatima?

— É o Oriente!

E um homem atraído pelo convite entra na barraca, uma barraquinha pequena, quasi ao fim da feira. Um vintem, um simples vintem, o preço d'uma queijada, e viu a bella Fatima!

Ha uns oculos á esquerda. A bella Fatima vê-se por um oculo.

— É aqui, diz o homem explicando cerimonialemente.

Lá está ella indolentemente reclinada no sofá, dormitando.

Que sonhará ella? Que tragedia a trouxe ali, desde o Oriente, onde nascem as estrellas, até áquelle sofá de reps desbotado?

Pensará em suas irmãs que a essas horas, talvez, ouvem, ao luar, gemer as notas agudas das canções dos ennuchos enquanto as escravas negras baloçam a compasso os leques enormes de plumas de abestruzes, fazendo tilintar docemente, umas contra as outras, as grossas manilhas d'ouro, que lhes trepam pelos braços. Ou pensará que o vizir, arrependido por tel-a deixado partir para tão longe, alegre ao saber que ella voltou a casa de seus paes, montou no seu cavallo branco e vem pela rua tortuosa fazendo seus caracões, seguido por um sem numero de escravos, com sete bate-dores adiante afastando o povo. Vem pedil-a em casamento. A almadricha a sella, os peitoraes são do mais fino velludo, bordado a fio d'ouro, cravejado de brilhantes, de saphiras, de esmeraldas, de rubins e de amethystas. As ferraduras do cavallo são de prata, os estribos, o freio d'ouro macisso. O grande vizir é mancebo, a sua barba é toda negra, como negros os seus olhos em que brilha o amor.

E ella porque cerra as palpebras e ali se reclina tão indolentemente? Que sonha? Amor ou saudades? Que sonha ella, dormitando, em quanto no mesmo oculo os pares d'olhos se vão seguindo, fixando a bella Fatima para a ver dormir!

Que tragedia medonha a trouxe ali desde o Oriente até áquelle sofá de reps desbotado?

Dormita. Tem um sorriso nos labios. O seio ergue-se e abaixa-se n'um socegado arfar. Reclina ligeiramente a cabeça no braço n'um e os cabelos negros espalham-se em ondulações sobre a carne muito branca. O outro braço está indolentemente descaído, os dedos quasi tocando o chão. A chinellinha curta vae cahir-lhe do pé.

Dormita sorrindo. Que sonhará ella? Amor ou saudades?

O bulicio da feira, lá fóra, não a desperta de sua continuada somnolencia. Por vezes abre os olhos, fita-os distrahadamente, com um bocadinho de desdem, nos olhos que se fitam nos seus. Torna depois a cerral os mansamente.

A bella Fatima parte amanhã para a sua terra e ainda antes de chegar quer rever pela imaginação toda a opulencia do seu Oriente, onde nascem as estrellas, onde a bella Fatima nasceu; os jardins esplendidos com sombras enormes de sycomoros floridos, onde as aguas dos riuchos deslisam ao cantar dos passaritos; os claustros muito frescos, onde, deitada sobre enxergas cobertas de pannos de Damasco tomava café ás tardes, em quanto o repuxo deixava cahir na bacia de marmore cor

de rosa a agua em gotas iriadas, cantando a compasso dos pensamentos erradios; os minaretes altos, esguios, rendilhados, onde o muezzim em voz alta vem chamar os fics á oração da manhã, á oração do dia, á oração da tarde; as longas ruas cheias de hazares, onde os commerciantes vendem os tapetes bordados com desenhos preciosos, os estofos que valem o seu peso d'ouro, o aço gravado, a prata lavrada, as pedras preciosas. Foi ali no palacio das huris que ella nasceu, foi no Oriente, onde nascem as estrellas.

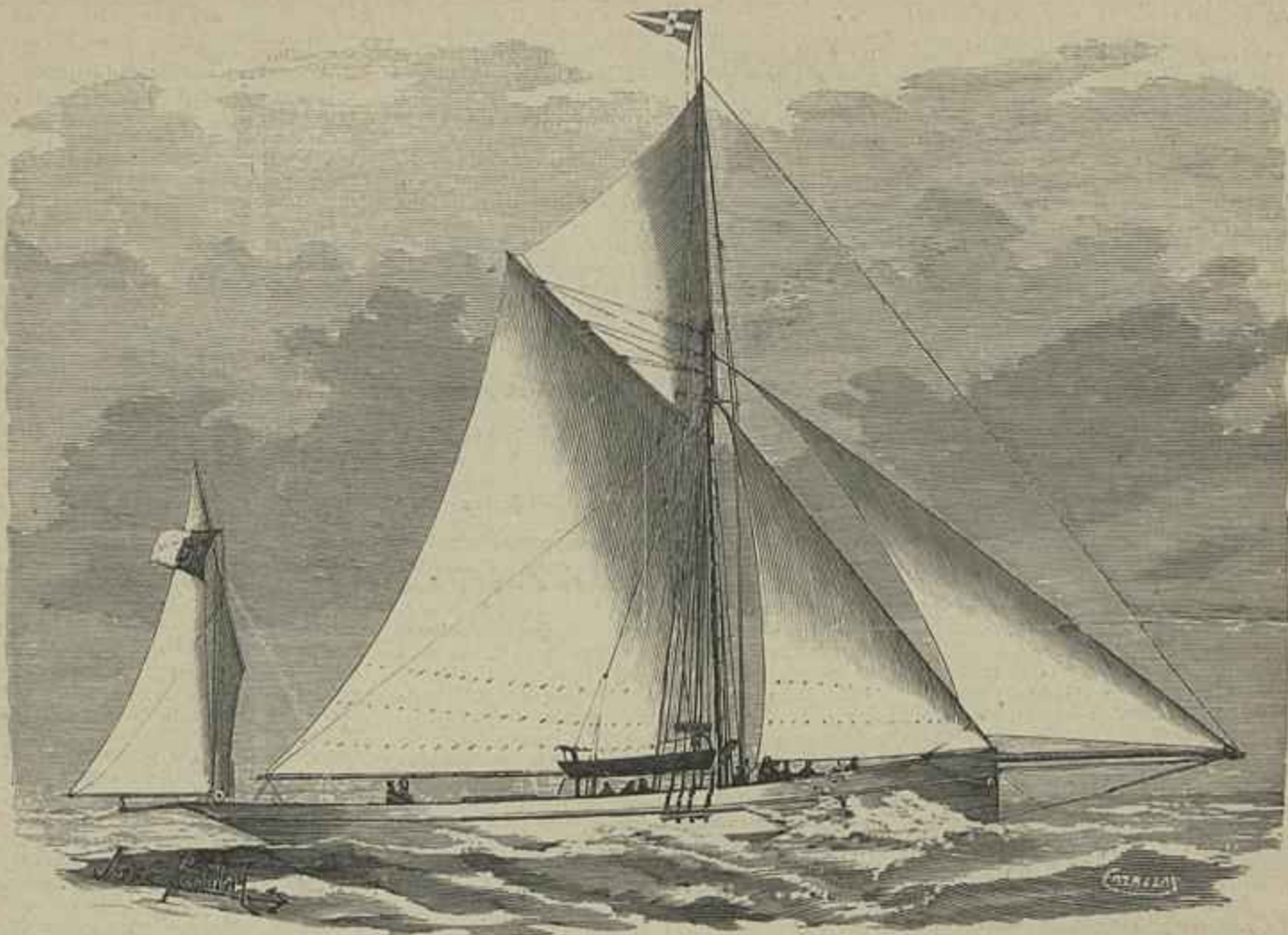
Que lhe importa, á bella Fatima o bulicio da feira lá fóra? Nada a desperta de sua continuada somnolencia.

E a bella Fatima a sonhar suggere-nos o sonho. Vamos sonhar.

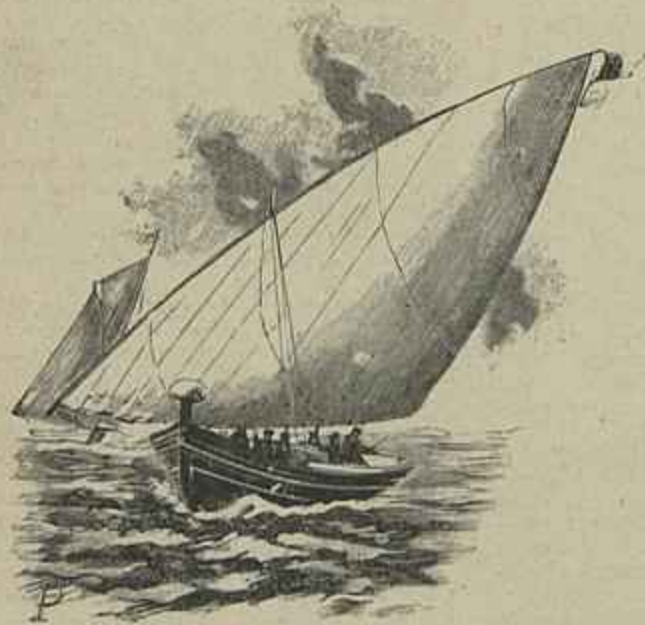
Que nos importa, a nós tambem, o bulicio da



D. EMILIO CASTELAR — ELEITO SOCIO DA ACADEMIA DE FRANÇA



YAWL «HELENA» PERTENCENTE AO SR. GUILHERME LANE — 2.º PREMIO



CANÓA «ATTILLA» PERTENCENTE AO SR. JOÃO CARRAÇA
3.º PREMIO



CUTTER «IRENE» DO SR. CARLOS PINTO DE CARVALHO
4.º PREMIO



BALIEIRA «GUERRITA» PERTENCENTE AO SR. CAMARA — 5.º PREMIO



A REGATA INTERNACIONAL DE LISBOA REALISADA EM 29 DE JUNHO DE 1895



UMA LIÇÃO DE MUSICA
(Quadro de Eduardo Waiker)

Suppõe-se que estas armas fossem as de algum dos Dom Priores de Santa Cruz.

O illuminador, nas armas dos Henriques, mostrou desconhecer o preceito heráldico de que só se pôde pintar metal sobre cor e não metal sobre metal, pois que, indicou uns castellos de prata sobre campo de ouro. Nas iniciaes e outras illuminuras: titulos de pagina colorida e ornados, esmerou-se o artista. O canto-chão que acompanha as festividades ou officios é escripto em quatro linhas.

O manuscrito apresenta encadernação antiga de carneira vermelha com dourados, cobrindo a madeira das capas que ostentam dois fechos de prata.

N.º 87 — **Horas**, manuscrito em oitavo, de bom pergaminho, copia de escola franceza, feita pelos beneditinos francezes. Na primeira estampa vimos a data de 1423, as suas illuminuras são graciosas, profusas, com muitos assumptos sacros e figuras, vinhetas, tarjas, e treze estampas. As cores são mimosas no seu conjunto, todavia o desenho é grosseiro. Na capa da frente vê-se desenhado a ouro, incuso, o Calvario.

N.º 88. **Biblia Sacra**, codice de letra miudíssima, a duas columnas, em formato oitavo, obra do seculo XIII, segundo vimos indicado, dentro da pasta do começo, por mão de S. M. Carlos Alberto.

As illuminuras são muito nítidas, as letras pequeninas apresentam delicadeza no seu desenho. O frontespicio a claro-escuro, é trabalho muito posterior, talvez dos principios do seculo XVII.

Está encadernado em veludo vermelho e ostenta fechos de prata moldada. Este codice e o antecedente são muito curiosos quando admirados como especimens de trabalhos de encadernação, representam mesmo estadios caracteristicos na historia d'esta industria.

N.º 96. **Psalmos**, manuscrito latino em pergaminho, do seculo XIII, encadernado em carneira vermelha com ornatos a ouro. Formato 124^{mm} por 84^{mm}.

É um breviario incompleto. As illuminuras, alem das letras iniciaes, são algumas de pagina inteira. Em muitas das tarjas ornamentadas predominam os annuaes e as figuras grotescas.

N.º 97 — **Horas**, codice em oitavo pequeno. Nítido manuscrito semi gothico, em latim, obra do seculo XV. As illuminuras são interessantes e numerosas e tornam este livro de orações muito gracioso.

Pertenceu ultimamente a fr. Luiz Caetano de S. Jose o qual falleceu sendo procurador da Congregação em 1797. Veio do mosteiro de Tibães para a bibliotheca.

N.º 98 — **Horas latinas**, manuscrito em pergaminho, pequeno formato. As iniciaes illuminadas fracamente accusam ser trabalho do XIV seculo.

N.º 99 — **L'Image du monde**, codice membranaceo, um volume em quarto. Contem uma compilação de diversas obras religiosas.

É grosseiro nas suas illuminuras que, todavia, são curiosas para a historia artistica. No folio 89 ha um B inicial, no qual se representa o Padre Eterno sentado n'um throno, segurando com as mãos a cruz em que Jesus está pregado. O fundo é de ouro.

Suppõe-se que esta illuminura, se relacione, ainda que muito de longe, com a maneira archaica de representar a Trindade Divina, porque, em alguns quadros a oleo, da Sé de Braga e do museu municipal do Porto, isso se vê, pois que, sobre a cruz está pousada a pomba symbolisadora do Espirito Santo.

No folio 91, verso e folio 93 frente, ha oito quadros, quatro em cada pagina, os quaes representam Deus no paraizo, o peccado, o trabalho e o castigo. Em todos elles transparece factura grosseira.

N.º 100 — **Livro de vespers, matinas, etc.**, Manuscrito em quarto. Tem grande variedade de tarjas, vinhetas e micmes, illuminadas e iniciaes ornadas.

N'uma pagina em branco, do fim, está escripto, com letra mais moderna, que foi de fr. Simão do Desterro, missionario apostolico n'estes reinos de Portugal e Algarves.

Abre com uma grande vinheta colorida, representando um abbade cruzado em habito branco e murça preta, deitado, meditando sobre o livro de orações. Está á sombra da cruz, aos lados da qual se vê de um lado o *Agnus-Dei* e do outro um corvo.

Em volta da tarja lê-se: «Ego autem pro eis rogo ut servet eos a malo,» e superiormente á rubrica:

«*Continetur in hoc libro oras, vespo, matuti, peessio, alioque ad omnia cultu alimentu.*»

Tem capas de madeira, coberta de brocado vermelho com vestigios de fio de ouro; cantos e

ornatos de prata dourada, consistindo n'um medalhão com o *Agnus Dei* no centro da pasta da frente e na outra um medalhão com um escudo, em que se vêem as cinco chagas e os tres cravos, rodeado pela corça de espinhos.

Pelas charneiras que ainda restam cravadas, se reconhece que devia ter fechos tambem de prata dourada.

Varios outros manuscritos, existem n'esta bibliotheca e d'elles o catalogo citado da boa conta. Seguimol-o, mesmo, pelas rasões já expostas.

(Continua.)

Estevao Pereira.

UM D. JOÃO DE CASTRO DE CAPA E ESPADA

III

A nova do tragico acontecimento surpreendeu a cidade e a corte na manhã de 8 de dezembro de 1667, dia de Nossa Senhora da Conceição. O povo, conjuntamente com as impressões das festividades religiosas, teve mais este alimento para a sua curiosidade, mais este assumpto para discorrer e imaginar, e devei ser enorme a concorrência ao adro de S. Domingos, onde o crime se commettera, com circumstancias de mysterio, ainda hoje não de todo desvendado.

Este foi caso mais grado, transpóz as fronteiras; pertence aos annaes da corte, mas tem fóros para a historia. Era o marquez de Sande, Francisco de Mello e Torres, muito conhecido e estimado na alta sociedade das côrtes estrangeiras: negociara em Londres o casamento da infanta D. Catharina, filha de D. João IV, com Carlos II, de Inglaterra, e em Franca o de D. Maria Francisca de Saboya com o nosso D. Afonso VI. Se é certo que o illustre diplomata deu boa conta das suas embaixadas, o progresso dos acontecimentos não nos auctorisa a affirmar que estas duas alianças dessem a felicidade aos principes portuguezes, cujos interesses elle representara, e se a elle o accrescentaram no valimento e na hierarchia, tambem lhe ganharam inimigos; que sempre os tem quem tão rapidamente como o marquez ascende ás eminencias sociaes. Ambos os casamentos, contrahidos sob influencias exclusivamente politicas, e ambos consequencias forçadas da nefasta e odiosa dominação hespanhola, foram infelizes, e um d'elles — o da infanta D. Catharina — nada popular pelas condições do seu contracto: o espirito nacional não aceitou sem protesto a cessão de Tanger e de Bombaim aos inglezes.

É difficil, a mais de dois seculos de distancia e sem um estudo serio — que não fazemos n'este momento — dizer quaes foram as vaidades offendidas, as ambições malogradas, os interesses feridos, que armaram o braço dos assassinos; se na conjuração entrou o orgulho nacional melindrado; se os filhos e netos dos heroes da Africa e da India tomaram como affronta mortal o tremular da bandeira ingleza nas ameias de Tanger e nas muralhas de Bombaim. Andavam os animos exaltados e divididos, e as paixões, no seu tumultuar, se não nos deixam vêr bem os acontecimentos, os factos passados sob os nossos olhos, ainda são maiores novens, a encobrir-nos no preterito os horisontes da historia. Ha, todavia, uma affirmação coeva do crime, e essa accusa o conde de Mesquitella como o seu responsavel.

Estrejava-se com maus auspicios a regencia do infante D. Pedro.

A morte do marquez teve as honras da correspondencia entre o nosso principe regente e o alto e poderoso Luiz XIV de Franca, não medeiaram muitos dias entre o assassinio do diplomata e a comunicação da sinistra nova. Com effeito em 10 de dezembro de 1667 D. Pedro escrevia ao seu primo de Versailles nos seguintes termos, narrando-lhe o mysterioso crime:

«No dia 7 do corrente, s'hindo da capella real o marquez de Sande, e indo em uma liteira de D. Francisco de Lima com o mesmo D. Francisco, chegaram a elle dois fidalgos, acompanhados de outras pessoas, com o intento de maltratarem o dito D. Francisco, e parecendo-lhe que davam n'elle, meiteram uma esto'ada no dito marquez, de que logo cahiu, e viveu instantes, de que tive o sentimento que pede o amor que tinha ao dito marquez, seus merecimentos e grandes serviços.

As palavras com que D. Pedro remata esta carta fazem-nos já suspeitar que não se passaram os factos como elle os narra; e aqui se mostra

que não era elle tão atilado, que percebesse o alcance do que dizia. Com effeito, que pensaria Luiz XIV, quando, chegado da missiva do principe portuguez, lésse isto — e que, para não se julgar que a morte do dito marquez tivera outra causa, lhe pareceu dever dizer-lhe o assim?» O mesmo que nós pensamos, e é que não estava alli a verdadeira historia, que elle decerto viu depois a saber pelas informações dos seus representantes officiaes e officiosos na nossa corte.

Teriam enganado o regente, narrando-lhe erradamente os pormenores do homicidio e seria essa conspiração da mentira tão artemadamente tramada que elle nem um vislumbre tivesse da verdade, nem uma suspeita de que o estavam illudindo? Não é possível. Andava a fidalguia da nossa corte por então tão dividida de interesses, tão retalhada de facções e tão agitada pelas ambições de logares, de preeminencias, e de poderio que ao principe, n'este caso, seria muito mais difficil e custoso o ignorar do que o saber, ainda que o não perguntasse.

Eram communs no Portugal e na Lisboa do seculo XVII crimes como o de que fora victima o marquez de Sande; mas a cegueira voluntaria da justicia umas vezes, outras vezes as trevas da noite, deixavam frequentemente escapar desconhecidos e impunes os assassinos. As familias dos mortos, e os seus amigos, desconfiavam d'onde lhes viera o golpe, apontavam-se nomes, mas os dias, os mezes, e os annos decorriam, e era só quando o sol, o nosso brilhante sol, descobria n'alguia viella escusa da velha cidade um cadaver, lardado de estocadas, que esta *rendetta*, esperada e demorada por tanto tempo, lembrando um caso já esquecido, vinha dizer aos que, por ventura, ainda d'elle se recordavam, quem fora o matador. Porém agora aos sicarios de Sande não lhes podia valer, para ficarem occultos, nem a escuridão da noite, nem a protecção descarada dos magistrados: oppunha-se a isso o nome, a hierarchia, a notoriade do marquez, personagem diplomatico então na primeira plana da corte, tão recente era, e tanto na memoria de todos, o casamento que elle negociara na corte de Luiz XIV com D. Maria Francisca de Saboya, princeza da casa real de Franca, que tão estreitas relações de amizade e de dependencia mantinha com o magnifico e quasi omnipotente Rei-Sol.

E isto explica a promptidão com que o regente de Portugal participou para Franca o triste successo, o modo porque contou o facto, e a cautella, pouco avisada, a nosso vêr, do fecho da sua narrativa; dando-lhe de barato que o escandalo sanguinolento, e o pouco intervalo que mediou entre o crime e a sua carta ao francez, o trouxessem perturbado a elle e aos seus conselheiros, a ponto de julgarem decente e util forjar uma mentira, que não tardaria que não fosse desmascarada.

Ou entenderiam elles que era aquelle o melhor modo de, a um tempo, darem noticia e satisfação do acontecido, desviando perguntas de mais difficil resposta? A diplomacia recorre a estes expedientes, cujo valor ella muito bem conhece e com que não se illude, mas que ás vezes lhe aproveitam em lances apertados.

E D. João de Castro? Lá vamos. E se caminhamos devagar é porque o caso não é uma pendencia vulgar entre rufiões, useiros de taes proesas.

(Continua.)

Zacharias d'Aça.

SÉ DE LISBOA

(Continuado do numero anterior)

Eu não sou dos mais credulos; mas tambem não quero ser dos que, por systema, negam credito ás lendas piedosas, com que a historia profana, e a sagrada, se engrinaldam. Muitas tradições veridicas existem, sem documento porque o não podem ter, e que não considero menos respeitaveis, nem menos authenticas.

Acceito pois (quem perde com isso?) a tradição antiquissima, que me diz singelamente: por fins de agosto de 1795, era levado a baptisar n'esta mesma pia, na recente parochia da sé, em dias do bispo D. Soeiro I, o filho pequenino de um fidalgo lisboeta alli vizinho, Martin de Bulhões. Vejo o resumido sequito de parentes e amigos: uns com as suas garnachas talares, outros de loriga e elmo ponteagudo, e todos em traje de gala, com as suas espadas arreiadas á franceza e sobrelavradas de

prata ¹. Oíço repicar em festival entusiasmo os sinos roufenhos do campanario. E depois d'isso tudo, leio com maior devoção historica o dystico latino, que em lettras doiradas modernas me está bradando por sobre a porta do baptisterio

HIC SACRIS Lustratus AQUIS ANTONIUS ORDEM
LUCE BEAT, PADUAM CORPORE, MENTE POLUM;

que alguém paraphraseou d'este modo:

Bons visitantes, aqui,
n'esta pia que observaes,
foi Antonio baptisado
nas sacras agóas lustraes.

Grande Antonio a tua fama
todo o mundo ennobrecceu;
se Padua possui teu corpo,
tua alma esplende no ceo.

Se o meu leitor é de uns que vibram com enthusiasmo ao tocarem nas boas recordações historicas, lembre-se, agora ao analysar esta nobre pia baptismal, de que tambem n'elle recebeu o baptismo outro Antonio, e quasi tão illustre como aquelle: o immortal jesuita Vieira, o maior brazão do pulpito portuguez. Deu-me essa noticia o dictionario de Barbosa Machado, e aqui a engasto como gemma preciosa.

Como vamos agora por perto da pia baptismal do popularissimo thaumaturgo, fallemos d'elle, que é nosso. é portuguez, e tem enchido de alegrias milhões dos seus buliçosos festeiros ha já seculos. É sympathico a todos. O Vieira, citado ha poucas linhas, dizia d'elle n'um sermão pregado na Bahia, se bem me lembra: Antonio, com ser um Sancto só, e ao mesmo tempo os Sanctos todos (E depois, o que tem graça, defende a these, e demonstra a)

O padre ainda podia dizer (elle adivinhava) que o Santo Antonio era o *Diario de Noticias* do Portugal velho. Eu me explico.

Quem perde hoje uma pulseira, um brilhante, uma carteira de notas, ou uma inscripção, que faz? corre ao *Diario de Noticias* e annuncia. Pois no tempo que lá vai não era assim: quem perdia, ia a Sancto Antonio da sé, fallava com o ermitão, ou sachristão, e quasi sempre alli é que recebia o objecto extraviado. Eu me explico ainda melhor.

Havia uma provisão, ou ordem de D. Filippe III ², que obrigava os achadores de quaesquer papeis ou objectos a irem deposital-os nas mãos do ermitão de Sancto Antonio da Sé, e como provelemente iam todos, todos os que perdiam achavam.

Talvez o meu leitor não saiba... (mas reparo eu estou antecipando um pouco de mais, seria melhor ficar isto para o logar proprio; emfim, lá vai) talvez o meu leitor se não recorde, de que foi o paduano-lisbonense o inventor das *Concordancias biblicas*, um dos livros mais uteis e trabalhosos do mundo; pois foi; em 1210.

Como viria a idéa ao hom do franciscano, é que se não sabe; talvez andasse com ella a contas desde menino, quando aqui n'esta mesma sé, cursou estudos. As séas da *obscurantissima* Igreja catholica foram sempre viveiros de saber.

¹ Assim traduzo *una spata cum arriaces franciscos superlavoratos argento*, de que nos falta uma doação de um tal Fabia Sessandiz em 1078. Perdão para o anachronismo, se o ha

² Certorio da camara municipal de Lisboa, L. 1 d'el-rei D. Filippe III, ff. 121.

Os mosteiros e as cathedraes — dil-o uma auctoridade, como tal reconhecida, em assumptos de instrucção publica — foram as unicas escolas em que a nação encontrou os primeiros elementos da sua instrucção ¹

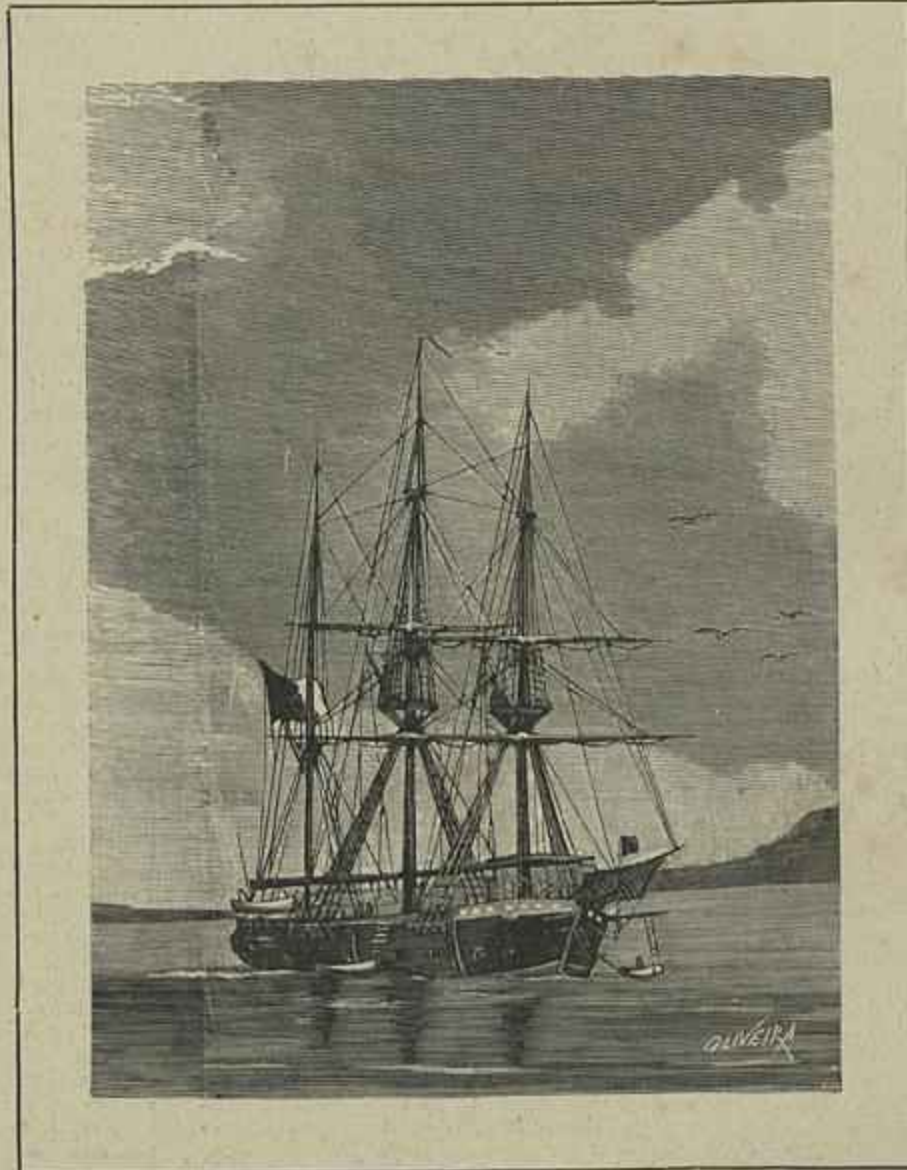
(Continua)

Julio de Castilho.



Recebemos e agradecemos:

Homenagem ao dr. Serzedello Correia Estado do Gram Pará. 16 — Junho de 1895.
Insere este numero de homenagem o retrato do



A CORVETA «DUQUE DE PALMELLA» ESCOLA DE ALUNOS MAHINHEIROS EM FARO

illustre brasileiro dr. Serzedello Correia, acompanhado de muitos authographos saudativos, escriptos em varias linguas, semíticas, hamíticas e indo-europeias, como por exemplo: em arabe, ethiophe, hespanhol, portuguez, etc., etc.

Arte Portugueza revista illustrada de archeologia e arte moderna. Maio de 1895 — Anno I N.º 5.

Entre os artigos que esmaltam este numero sobresahe, por ser lindissimo, o intitulado *Ferragens* devido á penna erudita do distincto archeologo portuguez Gabriel Pereira.

Calices Byzantinos é um trabalho agradável, seguro, escripto por D. José Pessanha o incansavel secretario da redacção da *Arte Portugueza*.

Rendas portuguezas é artigo sympathico, emoldurando um formoso desenho de magnifico trabalho da escola de rendas em Lisboa. A auctora

¹ D. Antonio da Costa. *Historia da instrucção Popular em Portugal*, pag. 14.

do citado artigo é a Ex.^{ma} S.^a D. Maria Ribeiro Arthur.

Variados são os mais artigos e as illustrações adequadas perfeitamente.

Viagem a um paiz de selvagens por Oscar Leal, Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira, 1895.

Esta obra illustrada segundo desenhos do seu auctor é muito curiosa pelas variadissimas noticias que contem. E' de leitura agradável e a narração corre facil e interessante.

Eis um livro util e representativo de aturado trabalho.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa. 13.^a serie. N.ºs 10 e 11.

Dos presentes numeros o primeiro conclue a publicação do trabalho de Luciano Cordeiro: *Uma sobrinha do infante.* O segundo numero traz *Descrípção e roteiro das possessões portuguezas do continente da Africa e da Asia*, no XVI seculo, annotado e commentado por Gomes de Brito.

E' trabalho que honra o distincto escriptor.

Voz de S. Antonio, publicação bracaraense. Revista mensal illustrada.

Esta revista religiosa, é bem redigida, illustrada, e publica artigos valiosos com demonstração de estudo.

Agradaram-n'os *O transformismo em face do dogma e critica á critica*, apertando nós a mão ao auctor do ultimo artigo em que se vergasteia a ignorancia de um critico lisboeta.

Associação Commercial do Porto. Supplemento ao «Relatorio» do anno de 1894. Estatistica. Porto 1895.

Na aridez dos seus numeros este folheto é mais importante e elucidativo do que outros trabalhos em grossos volumes de larga explanação.

Como elemento de estudo economico é aprectabilissimo pois nos dá a comparação do movimento commercial do Porto em 1894 com os annos anteriores.

Boletim da propriedade industrial. Publicação official da repartição da Industria 2.^a serie; 12. Anno, N.º 1 e 2. Directores: Joaquim Tello e Oliveira Guimarães.

E' publicação interessante; imprescindivel aos industriaes e commerciantes productores.

Bem dirigida, curiosa, torna se necessaria a quem se quizer inteirar do progresso industrial, dos novos inventos, das marcas de fabricas registadas e de outros assumptos correlativos, como jurisprudencia industrial, sua legislação, etc., etc.

Relatorio dos actos da direcção da associação dos jornalistas e homens de lettras do Porto.

O presente relatorio é redigido pelo sr. Firmino Pereira. Entre outros factos importantes aventa a ideia da celebração do 4.^o centenario da descoberta do Brazil, em 1900.

Almanach illustrado do «OCCIDENTE» para 1895

Está no prelo este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

Recebem se annuncios, charadas etc. para este almanach até o dia 30 do corrente.

Empreza do «OCCIDENTE»

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 37